



**DORA PÉ-DE-BICHO
CONTRA A MULA SEM CABEÇA**

Thais Barbosa

**DORA PÉ-DE-BICHO
CONTRA A MULA SEM CABEÇA**



lulalivros

Dora Pé-de-Bicho
Contra a Mula Sem Cabeça

REVISÃO

Andréia Resende

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Thais Barbosa

ILUSTRAÇÕES

Thais Barbosa

Maria das Dores Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

Barbosa, Thais, 1995.

Dora Pé-de-Bicho – Rio de Janeiro : Lulalivros, 2018

Ilustrações: Thais Barbosa e Maria das Dores Barbosa

ISBN 978-85-01-10815-9

1. Literatura Infantil. 2. Nordeste. I. Título.

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Lulalivros Ltda.

R. Marquês de Valença, 75 - Bairro Novo

Rio de Janeiro – RJ

Seja um leitor preferencial Lulalivros

Cadastre-se no site www.lulalivros.com.br

Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@lulalivros.com.br

*Sou o Pajé lá da floresta
o Xamã buscando a cura
de toda ferida aberta
da mais profunda loucura
sonho eterno de menino
eu sou o badalar do sino
e o doce da rapadura.*

Antônio Carlos de Oliveira Barreto*

*Todas as epígrafes são do poema *Canto lírico de um Sertanejo* de Antônio Carlos de Oliveira Barreto.

Para todas as crianças comedoras de cusuz.

SUMÁRIO

Quem é Dora Pé-de-Bicho	11
Dora Pé-de-Bicho escuta história	23
Dora Pé-de-Bicho contra a Mula Sem Cabeça	35
Dora Pé-de-Bicho não se engana não	51
Dora Pé-de-Bicho devolve a cabeça da Mula	57
Dora Pé-de-Bicho para Dora Pé-de-Bicho	69
O fim de Dora Pé-de-Bicho	79
Glossário	84
Agradecimentos	91

1

QUEM É DORA PÉ-DE-BICHO

NINGUÉM NUNCA SABE MUITO BEM DE ONDE APARECE Dora. Quando dão por vista, já zarpou feito raio. Ninguém nem sabe quando foi que deu as caras a primeira vez, no ventre do sertão paraibano.

Alguns dizem que surgiu feito a flor do Mandacaru, anunciando dia de chuva, coisa rara por lá. Outros contam que do chão já não brotava nada, que a seca era a cada dia mais penosa e, na hora exata em que o mundo conheceu Dora, o sol parecia estar pertinho, a uns quatro passos da casa. Ainda há aqueles certos de que avistaram um grupo de andarilhos, com suas

barrigas coladas às costas de fome e os pés em brasas, deixando uma cestinha barulhenta na porta de uma casinha de barro.

Talvez Dora tenha brotado junto com o milho, enroladinha na espiga, trazida para casa como a melhor colheita de todas e poupada do cozimento por ter poderes mais do que mágicos. Dora preferia acreditar nisso.



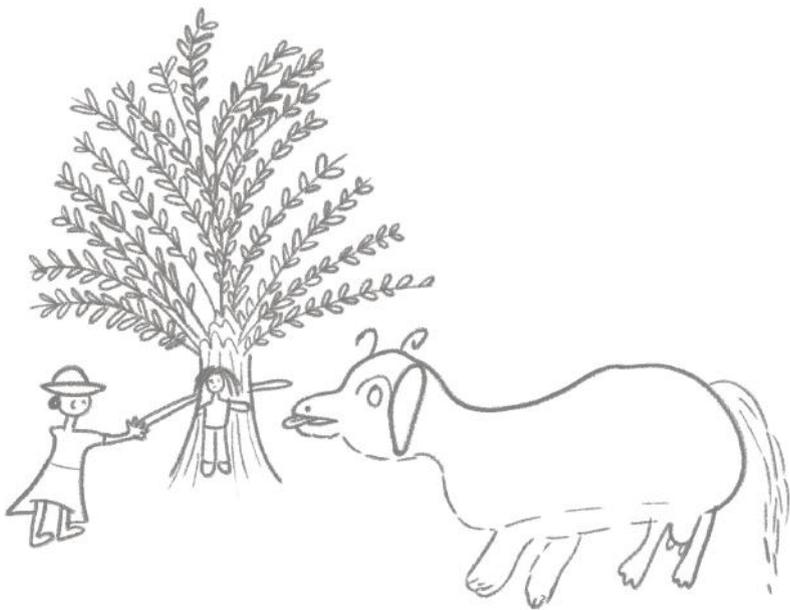
Barriguda de Baixo era o nome do povoado em que Dora nasceu. Em meio ao sertão e à seca que sempre que vinha parecia durar mais do que a anterior, não tinha muita gente que honrasse o nome do vilarejo carregando um bucho saliente por cima das calças ou por debaixo das saias. Quando havia, era porque tinha menino dentro.

No interior do município de Barra de Santana, interior de Boqueirão, interior da grande Campina Grande, parente da capital João Pessoa, ficava Barriguda de Baixo. Se pulsasse feito as cidades sobre as quais o rádio gostava de falar, o lugar seria conhecido como “o coração da Paraíba”. Pela dificuldade de avistar aquele pontinho nos mapas, Barriguda estava mais era para a unha do dedo mínimo do pé da Paraíba. Todo dia seus habitantes, valentes desavisados, rezavam para o estado não dar nenhuma topada por aí.

Dora herdou a valentia dos barrigudenses. Não chorava. O gosto salgado das lágrimas era completamente desconhecido por ela, substituído pelo sal grudento do suor.

Tereza, mãe de Dora, uma cabocla com cabelos mais longos do que as pernas - o que certamente a impediu de ter um crescimento bom, razão da baixa estatura - não era de mostrar muita afeição

à filha, embora apreciasse a zombaria da menina. Em tempos difíceis, era das únicas coisas capazes de lhe arrancar gargalhadas. No pouco tamanho de Tereza cabia muita fé nos santos e nos espíritos da natureza: acreditava sem precisar ver ou tocar.



A mãe tinha sido a única a presenciar um caso em que Dora era a salvada e não a salvadora. Uma vez, a menina se viu perseguida por uma vaca acometida por uma doença que a fazia perder o juízo. Certa de que não haveria prosa que desse solução, Dora se escondeu em um pé de Algaroba, cujos galhos tinham tratado de fazer um esconderijo quase seguro.

Via os chifres atingirem a árvore e calculava em quanto tempo a pobre lhe danaria os cascos na cara. Foi aí que apareceu Tereza. Com um pedaço de xiquexique, deu no lombo da vaca por três vezes. O animal, ao sentir os espinhos no couro se assustou e correu. Contam que, por mais de trinta anos, a bichinha ficou a correr mundo à fora.

Toda sexta-feira Tereza vestia-se de branco, como mandava a tradição que ela não sabia de onde vinha, mas respeitava. Toda sexta-feira Dora, ao vislumbrar a figura da mãe com suas vestes mais alvas, jurava que a mulher estava mais próxima aos anjos que das malvadezas da Terra.

Com pouco tempo de vida, Dora já falava tudo o que precisava e resolvia suas pendengas. Essa esperteza deixava Tereza um tanto cabreira: não conseguia saber se era benção lá de cima ou alguma armação do cabrunco lá de baixo. Dizem que crianças que crescem com outras crianças desenvolvem mais rápido “deve ser isso”, pensava a matriarca para se confortar.

A menina tinha dois irmãos e seis irmãs. Antes dela, nasceram sete. Seis eram Marias (como ela era, antes de ganhar o nome de Dora). Na barriga da mãe, mais um crescia enquanto o mais novinho aprendia a cuidar-se sozinho. No sertão, bebês dão



mais fácil que cará – nascem três ou quatro por minuto – e, por lá, crescem mais rápido que na cidade grande.

Veja Dora, com tão pouca idade, já sabia o nome de todos os passarinhos da região e, ao mesmo tempo que aprendia a andar, descobria como tirar a água do xiquexique. Com dois anos, Dora já subia nos jumentos e nas árvores, já falava com as ovelhas e mostrava a língua aos irmãos que não entendiam a sua mania de negar saias, camisas e sapatos, vestindo apenas seu pequeno calção remendado, feito o lençol de fios que representava a vida dos sertanejos, tecido pelas irmãs do destino, e os calos que já nem sentia mais na planta do pé.

Nunca foi das maiores crianças, tinha pernas curtas e finas, com panturrilhas acentuadas dada muita caminhada pela roça. Tinha uma força desproporcional a seu corpo enxuto. Carregava cargas de palma para as vacas e latas d'água na cabeça sem muito revés. Dora não contava a ninguém, mas o caminho parecia se encompridar, conforme ficava mais tarde.

Uma vez resolveu se esconder na única mangueira com mangas da região. Depois de encher o bucho de frutas ganhou energia extra para arquitetar um de seus planos travessos. Decidiu ser a alma penada da mangueira e atirou suas bombas cheinhas de suco

na cabeça de cada um que passava por debaixo da árvore. Segurava o riso porque almas penadas levam este nome por não acharem muita graça das coisas, também porque ninguém confundiria o cacarejar arteiro da menina. Na copa da árvore, sentia-se no topo do mundo.

Até acertar seu pai, Louro.

Louro levava esse nome por seus cabelos dourados, tão diferentes de sua esposa Tereza. Tinha pequenos olhos azuis que andavam mais vermelhos que da cor original. Parecia estar sempre danado com o mundo. Era um homem grande em altura, o tipo de grandeza que não metia medo em Dora. Comparado com a mulher e as crianças, lembrava o gigante da história do menino do pé-de-feijão. (Parece que aconteceu mesmo, lá para o lado de Queimadas). A voz grave e rouca, podia intimidar qualquer frouxo por aí à fora, mas não a nossa Dora. Ficava ressabiada mesmo era com os castigos ou com ter que pular refeição ou ficar sem jogar bola. Com Louro não.

Passou três dias e três noites abrigada entre os galhos da mangueira, decidida a morar ali para sempre. Se saísse com mancha de manga e cheiro de manga, saberiam que tinha sido ela a pregar a peça. Era melhor deixar que esquecessem. Com tanta fruta na cabeça, não demoraria muito. Vai ver eles até acabem pensando que a época da



manga madura veio antes este ano, pensou ela. Passado o tempo, determinou que era hora de ir para casa. Ao pisar no chão de terra batida escutou:

– Comesse muita manga, menina do pé-de-Bicho? Ainda está com o açúcar das frutas na boca? Pois, Tereza, arranja rapadura para a papa de Dora que é para ver se amanhã ela acorda mais doce – Disse Louro, o pai, à sua esposa.

– Ôxe, mãe, queria era mistura boa, farinha pura que fosse! – Questionava Dora.

Foi no dia da manga que mudaram seu nome para Dora Pé-de-Bicho. De primeira, Dora se enfezou com o apelido. Só porque gostava dos pés na terra e não se importava com os machucados que surgiam daqui ou dali? Espinhos eram marcas de guerra! Se orgulhava até mesmo de um caquinho de vidro que viajava pelo pé inteiro desde que o pisou, sem derramar uma gota de sangue, quando tinha cinco anos.

Pé-de-Bicho. Se era para ser um xingamento, foram bestas!

Pé-de-Bicho é sobrenome de herói.

*Sou o mistério luminoso
do pequeno vaga-lume
brincadeira de cometas
das rosas todo o perfume
sou a solidão das rochas
o fogo aceso das tochas
das noites todo o negrume.*

2

DORA PÉ-DE-BICHO ESCUTA HISTÓRIA

NOS DIAS QUE SE PASSARAM, DORA PÉ-DE-BICHO incorporou o personagem que já era dela desde o começo dessa história. Não por outro motivo o livro leva o nome dela. Virou o raio do sertão e prometeu nunca cair no mesmo lugar. Caísse ali, levantaria e pegaria a estrada mundo à fora. A grandeza do mundo não assustava Dora.

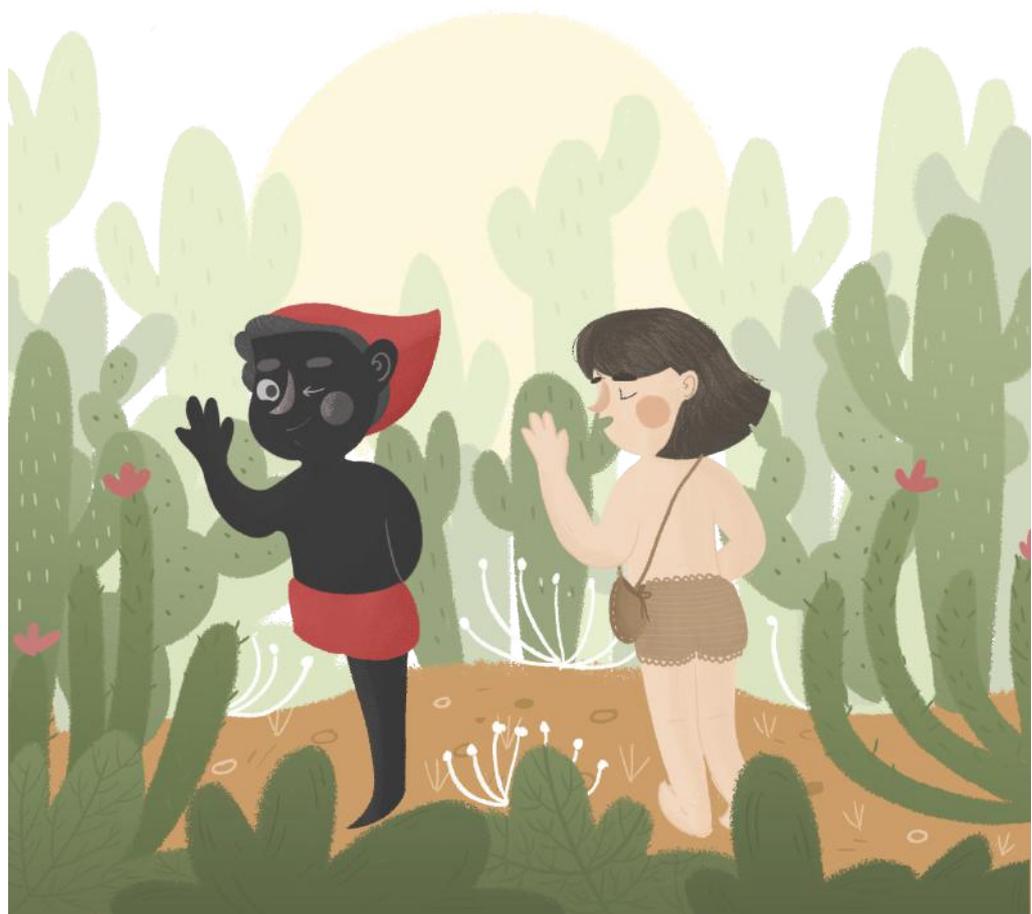
A menina existia de maneira muito solitária, acompanhando-se dos bichos, seus fiéis escudeiros. Seus

irmãos davam mais trabalho do que as ovelhas que, sempre amáveis e elegantes, já pastoreava desde os quatro anos de idade.

Tinha em seus pés o mapa de cada pedaço da mata, seus calos nunca erravam a ida e dispensavam o caminho de sementes de milho para a volta. Desarmava arapucas e torcia o nariz para caçadores, enquanto dava bom dia ao Saci Pererê, sem medo.

Pererê e a menina tinham como assunto em comum a proteção da mata. Não se encontravam muito pois os caçadores, volta e meia, prendiam o Saci em garrafas como forma de vingança. O menino podia até não ter uma das pernas, mas tinha era inteligência e força de sobra: não demorava muito até se libertar e pular livre na mata novamente.

Saci não era propriamente amigo de Dora. Nativo do mundo das lendas protetoras, tinha aprendido a não confiar em gente humana comum (ficou sabendo depois que a menina de comum não tinha nada). Nutria uma simpatia pela pequena sertaneja, tinha que reconhecer que até ficava feliz ao vê-la na mata, mas não permitia muitas intimidades. Dora respeitava o menino e raramente passavam dos acenos para uma conversa, mas brigaria com qualquer um que o ameaçasse. Pererê é a mata e a mata é o Pererê, pensava ela.



Dora Pé-de-Bicho dizia não conhecer o medo. Quando sentia a espinha arrepiar, pedia que a lua cheia a curasse e devolvesse a ela a coragem. Ao fazer isso, sentia os pés arderem, formigarem como se várias estrelinhas piscassem na sola e jurava ver um brilho ao redor deles. Desde que começou a esticar os joelhos e colocar pé atrás de pé, foi assim. Os tais poderes mágicos, percebidos desde o tempo de espiga de milho, pensava ela.

As constelações dos pés de Dora subiam pelas suas pernas ligeiramente torcidas para dentro, pela sua barriga que tinha como única decoração uma pinta redonda e pequena ao lado do umbigo (quem nasce de planta também tem umbigo?), pelos braços finos e fortes, até chegar no topo do quengo quente de sol. Era como uma poção que não se bebe pela boca: chega ao corpo pelas suas raízes. Quando a luz dos calos lhe corria pelo sangue mais rápido que as gotas de manteiga de garrafa pingavam nos pratos, ganhava a força de oito jumentos cargueiros dos mais arretados (dividia a carga com eles).

Com essa força, colhia os vegetais daqui, carregava água para lá, ia até o sítio do lado e pedia algo a alguém. Todo mundo conhecia Dora Pé-de-Bicho. Quando precisavam de alguma coisa impossível a gente comum (ou frouxa), era a ela que chamavam.

Certa vez seus irmãos mais velhos tentaram tirar um bezerro do meio de pedras por um dia e meio. O animal, Meia-branca, era filho de Fortaleza, a maior vaca já vista no mundo e, herdasse a gigantescidade da mãe, prometia ser o maior boi do planeta. As crianças viram o sol chegar e tomar destino e nada de tirar o pobre do filhote de vaca dali. Revezavam para poder comer e fazer necessidades perto dos pés de aveloz que formavam uma cerca viva na beira da estrada. Usavam folhas de catin-gueira para deixar tudo na mais perfeita ordem, palitavam os dentes com os espinhos do mandacaru e bebiam a água do xique-xique, economizando os goles.

Voltassem para casa sem Meia-branca, ficariam de castigo pelo resto da eternidade. Louro, quem dava a sentença dos castigos, era muito rancoroso e capaz até de colocar em testamento a penitência para os filhos dos filhos dos filhos.

No desespero das horas que teimavam em passar, lembraram de Dora. Não só porque era capaz que fizesse uma de suas presepadadas e tirasse o bezerro dali, mas também porque, caso não conseguisse, poderiam culpá-la e estariam livres de qualquer punição.

Contam que, ao chegar lá, Pé-de-Bicho conversou com o animal, que, por sua vez, respondeu dizendo que



cumpriria suas instruções (em língua de gente, para todo mundo entender). Outros alegam que ela conseguiu esfarelar a pedra só ao encostar seu dedão esquerdo nela, sem atingir o filhote que, àquela altura estava já trotando pelos arredores feliz com sua liberdade.

Dora nunca explicou como salvou o bezerrinho, só repetiu que em dois tempos estava ele correndo atrás de sua mãe, Fortaleza. Ora, alguns mistérios devem permanecer mistérios, não se faz mágico ou herói contando-se tudo ao vento.

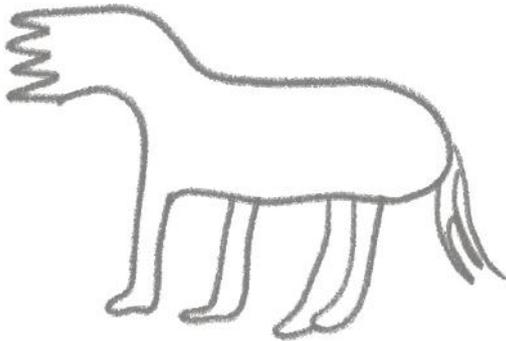


Pé-de-Bicho andava pela região em cima de Fortaleza, que ainda tinha espaço para duas outras pessoas. Não porque Dora era pequena, mas porque Fortaleza era a maior vaca do mundo. Tinha manchas pretas espalhadas pelas suas costas continentais que pareciam mesmo um mapa, daqueles de pendurar na parede em colégio de gente fina. Passavam pelas plantações ou pelo chão rachado que havia dado lugar a elas, descansavam do sol na sombra da Aroeira que, quando cheia de folhas, era grande o bastante para amparar as duas.

Assim que acabava os afazeres no roçado, Dora disparava para suas conversas diárias com a vaca. Nunca dispensava um disse-me-disse e Fortaleza

sempre tinha informações quentinhas. É que ninguém desconfia que as vacas demoram a comer o capim porque estão de butuca na conversa dos humanos. Depois, comentam das as sandices e prese-padas que os bichos de duas pernas teimavam em fazer entre elas e com os raros humanos entendedores.

Foi Fortaleza que contou para Dora da mula que espantava a todos da mata. (Dora mantinha em segredo que não falava só com gente).



A danada da Mula Sem Cabeça, como contavam na escola feito conto da Carochinha, estava agora lá pelos lados da Paraíba e não dava paz nem aos bichos, nem aos homens. Histórias de encontros pavorosos com a descabeçada corriam pela região e chegaram aos ouvidos da vaca. No sertão notícia espalha feito poeira em dia de ventania.

Fortaleza, com seus grandes olhos de vaca ainda mais esbugalhados de espanto, contou, entre o ruminar de uma palma e outra, que o animal descantado aparecia todas as noites na clareira que o fogo de suas ventas ajudou a abrir. Ficou sabendo pelo amigo Facheiro, o preá, pequeno roedor, morador da mata há anos que havia fugido para o vilarejo por causa da Mula e temia, em seu refúgio, acabar em uma panela.

O monstro, que um dia fora mulher, já não tinha mais a compaixão comum às pessoas. A falta de cabeça também parecia afetar-lhe o coração que, cheio de ódio, só fazia destruir a mata, casa dos animais e destino preferido dos passeios das crianças sertanejas.

Dora Pé-de-Bicho cerrou os punhos como se já se preparasse para tomar farinha com a lenda de passagem pela Paraíba. Prometia a Fortaleza acabar com a Mula e contava todos os planos que tinha para fazer isso. Jurou por cada fio de seu cabelo escuro e fino que traria segurança ao povo sertanejo e as poucas folhas da mata de volta. Se a menina era uma coisa era justa e não deixava nada barato. Mexesse com ela, resolvia sem pestanejar. Mexesse com as plantas ou as outras crianças, era briga comprada por Dora a pouco custo.

Uma vez, depois de ter sido punida pela mentira de seu irmão, molhou a rede dele à noite até que o bobo fizesse xixi, só para ver a confusão de manhã. Deixou de brincar de bola pela mentira dele, o danado haveria de pagar! Pela manhã, ficou triste ao escutar o choro do bobo-canela-fina se justificando com a mãe, mas manteve-se firme pois deu a ele foi uma lição. Acabou contando a travessura aos pais, que suspenderam o jogo de futebol dos dois. Dora ficou sem jogar, seu irmão (agora só canela-fina) ficou sem mentir.

Com a mula não haveria de ser diferente.

*Cavaleiro, anjo de luz
nesse abrir-fechar porteira
explorando meu sertão
com bravura e brincadeira
mas logo se alguém se atreve
lanço fogo, água e neve
saco da espada guerreira.*

3

DORA PÉ-DE-BICHO CONTRA A MULA SEM CABEÇA

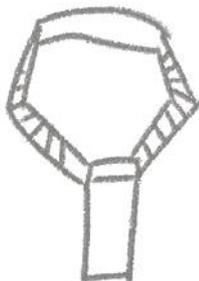
AS PALAVRAS DA VACA DEIXARAM DORA COM UMA mistura de curiosidade e raiva dentro do peito. Andou pelo resto do dia com as mãos postas na cintura como se já tivesse um monte de desaforos para dizer para a tal da mula-queima-tudo. Onde já se viu? Assustar todo mundo e ainda colocar fogo na mata?

A menina, aperreada, andava de um lado para o outro no chão de terra batida, sem parar. Passou boas horas ali, matutando o destino da descangota-

da. Andou tanto que deixou um buraco, que tinha quase o seu tamanho, no chão. Fez trinta e seis promessas de atitudes que tomaria contra a Mula. Ainda bem que sola do pé não gasta feito a da alpercata, ou já não teria mais sapatos para ir ao São João do outro ano.

Naquela noite, decidida a encontrar o monstro, Dora saiu de fininho de casa para que os pais não vissem (sair de noite era castigo na certa) e caminhou em direção a mata.

Carregava um bernal, presente de sua avó Rosalina. Dentro dela apenas treze pedrinhas coletadas com precisão de quem sabe o que faz, junto a uma baleadeira improvisada com um galho de catingueira e a borracha tirada da bicicleta de seu tio-primo (ninguém sabe muito bem qual é o grau de parentesco dele). Se o filhote de cruz-credo aparecesse, isso deveria dar conta.



Andava sem medo pela mata já não tão densa por causa da seca. Os galhos sem folhas deixavam tudo meio triste. As árvores sem frutas preocupavam Dora. É que ela sempre gostou dos passarinhos e vivia livrando-os das gaiolas. Era bom que eles tivessem fruta de sobra para aproveitarem a liberdade.

No caminho, cumprimentou Tonho Simão, um índio-caboclo-brabo que vivia em sua casa e costumava ir à mata todas as noites. Nascido já sem sua tribo para fazer morada, vivia pelas estradas, já tendo percorrido de Aracaju, no Sergipe, até Barriguda de Baixo a pé. O andarilho não era nem velho nem novo, mas havia cansado de correr o mundo sendo sua própria casa. Resolveu estacionar. Pediu abrigo a Louro e Tereza e, em troca, cuidava das crianças que agora já eram dez e, enquanto o leitor virava a última página, outro chegou para morar na barriga da mãe.

Simão não tomava banho há, pelo menos, quinze anos. Suas roupas eram feito grandes armaduras de barro grudadas à pele vermelha em tom de urucum. Se as tirasse, talvez descolasse a pele da carne e não queria correr o risco (talvez descolasse até a alma).

Usava um colete estampado com o que um dia já fora um desenho do Sol e da Lua, casados quando a roupa estava abotoada e separados quando não.



O chapéu de couro aveludado cobria-lhe a cabeça de cabelos negros, longos e unidos pelo suor e pelo óleo de mutamba em excesso.

O índio costumava dar apoio às aventuras de Dora, principalmente se ela conseguisse mais cuscuz de milho e leite para ele. O homem que não passava perto nem de poças, parecia ser o único a limpar os olhos, pelas manhãs, e ver a menina como realmente era, enxergava seus pés brilhantes e compreendia que, vez por outra, precisava salvar o dia. Por isso, passou direto em direção as luzes dos lampiões ainda acesos nas casas ali perto.

Pé-de-bicho continuou sua caminhada rumo à clareira aberta pela Mula Sem Cabeça, confiante de que Tonho nada falaria. Passou por sete cobras, dois tatuz-pebas e mais de cem preás-do-mato, parentes de Facheiro, amigo de Fortaleza. Pensava na quantidade de bichos que só saíam de noite por causa da queimadura do sol de dia e se esse não seria o jeito certo de se viver no sertão. “Talvez a gente devesse dormir enquanto o mundo derrete e acordar só na hora de acender os lampiões”, matutou.

O sol traz uma vida complicada para seus vizinhos (é que a cidade de Dora fica mais próxima do céu que do resto do mundo). Quando ele amanhece o dia aborrece-

do, as plantas preferem ficar de baixo da terra e a água pega suas coisas e vai embora.

Isso quase nunca desanimava Dora que bebia o suco das folhas das plantas perto do açude seco e brincava de bola para ver se mudava o humor do astro-rei. Às vezes ficava murcha feito os arbustos das beiras das estradas e tinha vontade de criar caso com os raios solares, mas abaixava a cabeça e pedia chuva e força. A força sempre vinha mais rápido.

Ao chegar na clareira, escondeu-se por detrás de um xiquexique seco que ainda se mantinha verde e de pé e aguardou a chegada da Mula. Já tinha escutado a lenda da Mula Sem Cabeça, a história de uma mulher transformada em uma mula degolada por querer namoro com um padre. Diziam que ela morava para as bandas do São Francisco e era traiçoeira feito a correnteza do rio.

Ora, não podia ser tão má. Talvez Dora pudesse ajudá-la a encontrar sua cabeça para que vivesse pelo menos sem queimar o resto de vegetação do sertão, talvez a convencesse a trabalhar de acendedora de fogueiras na época do São João, caso não achasse seu velho quengo. Ficaria sendo querida pelo povo, vai ver assim passava essa amargura que fazia ela espantar tudo o que era bom de perto.

A lua, cercada de estrelas, iluminava a noite. O sertão tinha quatro cores durante o dia: o vermelho do barro do chão, o azul do céu, o verde triste das plantas secas e o verde arretado das que ainda resistiam. À noite, o céu cheio de estrelinhas fazia o cariri parecer uma caixa fechada com várias joias prateadas dentro. Dora imaginava como brilhava o único par de brincos da família na caixa em que sua mãe, Tereza o guardava.

Pé-de-Bicho tentou contar os pontos de luz que cintilavam no céu. Perdeu a conta quinze vezes antes de escutar, ao longe, um galope descompassado.

Só podia ser ela, só um bicho sem cabeça pode ter um andar desconchavado desses. Preparou sua baleadeira com a maior pedra que achou no bernal. Seus pés começaram a brilhar, o que era muito ruim para quem tentava passar despercebida. Danou-se, o que apaga brilho de pé?

Não conseguia ver fogo, talvez a mula estivesse mansa hoje, sentindo que tinha gente amiga por perto. Ouvia os poucos galhos das árvores que restavam se quebrando no mesmo ritmo em que o som do galope se aproximava. Pensou nos espinhos e nas arapucas que ficavam pelo caminho. Sem cabeça, sem vista: se tivesse sorte, a Mula se derrotava sozinha.

O som parecia mais perto, e mais perto e mais perto. Dora tentava enxergar o brilho da luz do fogo, os olhos vendados pelo escuro da noite, mas as únicas coisas que brilhavam eram a lua as estrelas e seu pé. Pois a descabeçada deveria de ser era muito esper-ta para esconder seu fogo assim e atacar as crian-ças indefesas sem nenhum aviso. Mil vaga-lumes pareciam morar na barriga de Dora. Estavam todos arroteando e fazendo a menina arrepiar-se inteira. Valha-me Nossa Senhora, que momento ruim para conhecer o medo!

Viu o monstro pela primeira vez. Não tinha cara de monstro, aliás, não tinha cara nenhuma. Jeito de coisa-ruim tinha e vinha acompanhada de um chei-ro perturbador que Dora conhecia, mas não sabia de onde. Talvez fosse o cheiro daqueles sonhos sem cabeça nem pé que faziam as crianças molharem a rede, ou o cheiro dos pés dos meninos, que usam sa-patos, quando chegam na idade em que a voz come-ça a engrossar.

Rápida feito o carcará de bucho vazio, acertou a pedra bem no peito do bicho que empinou as patas da frente em sinal de fúria. Tinha dado o “boa noite”, agora era hora das duas se conhecerem cara a fogo. Rezou para a lua cheia e para Padim Ciço e saiu de-trás do esconderijo.

– Ei, Dona Mula, a senhora não tem vergonha não? Por que só aparece de noite quando só sobra o esqueleto que o sol fez do sertão?

Dora ficou sem a resposta. A mula só uivava feito o cachorro magro do seu irmão canela-fina que ajudava a pastorear as ovelhas. Mula é parente de cachorro? Galopava feito cavalo, não deveria relinchar? Na vida já tinha sido mulher, perdeu a fala junto com a cabeça? Monstro não se governa, não é bicho dos melhores, vai ver já não pertencia mais àquele mundo.

Arrodeou o bicho e lascou-lhe três pedras seguidas mirando o pescoço. A pontaria de Pé-de-Bicho não falhava nem de cabeça para baixo, nem na mais escura das noites. Atingida, a venta-de-fogo disse “diacho, de garota” e pareceu vacilar em seus cascos.

Espera, ela falou o quê? Pois agora falava a língua de Dora, a dos cachorros e galopava feito cavalo! Mal educada, fazia pouco da pergunta de Pé-de-Bicho, mesmo sendo dona de tantas línguas. Não respondeu foi de ruindade, pois agora iria ver.

Os calos nos pés de Dora latejavam e acendiam numa luz maior do que a da fogueira da festa de São João. A luz subia-lhe o corpo pequeno e magro, até chegar na cabeça de cabelos curtos, castanhos e bagunçados, cortados à faca por ela mesma. Os olhos





redondos aparentavam o dobro do tamanho. Moradia a língua e inflava as narinas (tradição de todas as mulheres da família) antes de tentar falar, de novo, com a abilolada da Mula.

– Dona Mula, vou falar só uma vez: de dia o Saci manda e de tarde o Curupira protege, de noite sou eu quem chega para cuidar desta mata e mandar para longe quem insiste em não respeitar todos os seres que lutam para aqui morar! O primeiro tem um pé só, o segundo os dois virados para trás e eu dois pé-de-bicho que vão mostrar quem pode mais! – Disse Dora.

A Mula riu enquanto andava para trás. Cada passo de Dora em sua direção fazia o chão tremer. O animal tropeçava nas rachaduras do solo, agravadas pelos tremores causados pelos passos de Dora que já tinha crescido trinta centímetros para cima e vinte para os lados, só de raiva da sua inimiga.

Enquanto andava, pegou duas folhas de cipó secas e usou para tentar laçar o monstro. Tudo o que tocava se iluminava e quase que ganhava vida própria. Com uma mão, tentava laçar o bicho, com a outra jogava as pedras, já sem precisar da baleadeira. Acertou mais sete pedras de fogo cintilante que voavam pelo ar feito meteoros e alojavam-se na carne do bicho. A bexiguenta bambeou, assim conseguiu pescar-lhe um casco.

Em seguida, a cabeça-de-fogo disse:

– Criança do pé-de-bicho, nunca fui com a sua fuça. O Curupira é poderoso e o Saci tem a carapuça. Você só tem uns calos velhos e muito atrevimento. Vou-me embora porque quero e não porque está dizendo. Espere descansadinha porque em onça, Pé-de-Bicho, não se mexe com varinha.

Dora, de uma vez só, apagou a cabeça, as mãos, as pernas e os pés enquanto assistia a mula correr desembestada. Diminuiu tudo o que tinha crescido, voltou ao corpo magro em cima dos joelhos quase nada tortos. Que guerra é essa que acaba assim tão fácil? Duas palavras e botou o monstro para outro mundo? Pé-de-bicho franzia a testa e cerrava os punhos desacreditada, ao mesmo tempo que recolhia as pedrinhas que tinham testemunhado o combate que contaria pela vida inteira.

*Galope incansável sou
do meu cavalo alazão
gozando da liberdade
indiferente à razão
que vai tangendo a boiada
numa longa caminhada
nos capinzais do sertão*

4

DORA PÉ-DE-BICHO NÃO SE ENGANA NÃO

DIZEM QUE DAVA PARA VER A LUZ VINDA DA MATA LÁ de Cabaceiras, cidade que ficava a três horas e meia do vilarejo de Dora. Algumas senhoras contavam que era Padim Ciço, um padre-santo cearense, vindo direto do céu para curar os males da Paraíba. “Vai ficar um tempo por aqui”, disse Maria de Déa Souza. Outras falavam em estrela guia trazendo um jesus-menino nordestino para proteger o povo da bixiga e do sarampo, doenças normais da época.

Só uma pessoa contava ter visto diferente: um tal de Rico filho de Mané Mororó. Era primo da madrinha do irmão mais novo da mãe de Dora (no sertão todo mundo é aparentado). O cabra era um batoré sem história: era a primeira vez que escutavam a voz dele, nem o próprio Mané Mororó, seu pai, havia escutado, até aquele dia.

Pois o tal Rico, enxerido, com enormes olhos pretos e um cabelo cor de barro vermelho insistentemente arrepiado e todo descambichado de desastrado que era, falou que entendia de coisas do além e jurou de pés juntos ter escutado um galope e gritos apavorados de criança pelas bandas da mata. Criou uma aporrinhção danada na cidade e fez com que todas as famílias proibissem as crianças de circularem por lá depois das quatro horas da tarde.

Dora encafifou-se com a versão de Rico. Nunca que gritaria de medo por causa daquela pobre coitada sem cabeça. Era a pessoa mais valente que se tinha notícia na região. E afinal de contas, quem correu foi a Mula. Dava quase para lembrar do rosto assustado do animal. (Quase porque se a monstrença não tinha cabeça, também não tinha rosto).

Deixou que a história corresse, por mais que ficasse agoniada por estar presa dentro de casa sem poder se despedir do sol e desejar boa noite à lua assim que

chegasse no céu. Não tinha medo de revelar seus poderes, até gostaria de ver todos os seus irmãos com inveja, mas também não queria ver a fúria de seu pai ao saber que esteve na mata de noite. Perigava ter que fugir e morar na mata para sempre.

Tonho Simão sentava em seu banco, no canto da parede, fumando seu cachimbo, como fazia todos os dias desde que o nome do estado passou a ser escrito com i e acento (antes era Parahyba, o que ele julgava mais bonito). Parecia não se recordar do encontro com Dora pelo meio do caminho e continuou no seu silêncio costumeiro. Por saberem de suas andanças noturnas, perguntaram repetidas vezes se sabia algo do clarão estranho, dos galopes ou dos gritos. Só proferia três palavras e nada mais “sei não, sinhô”. Dora não conseguia decifrar se o homem havia perdido parte da memória, do juízo ou se sua lealdade por ela era realmente grande.

Gostava da sensação de ter um amigo gente (geralmente confiava seus segredos aos bichos).

Dias depois do acontecido, tudo parecia normal. Fortaleza, a vaca, trouxe notícias da Mula Sem Cabeça, disse que tinha chegado aos ouvidos dela que a lenda foi vista na cidade do Crato, no Ceará. Foi até a imagem do Padim Ciço pedir perdão por ter assustado a tanta gente e pelos erros dos tempos de

pessoa humana. Talvez até conseguisse virar mulher de novo. Dora pensava se a cabeça voltaria ou não.



Então sua história havia acabado? O embate mais arretado de todo o sertão foi resolvido com dez pedrinhas de baleadeira, um cipó e calos poderosos que fizeram o chão tremer como nunca antes visto no sertão paraibano? Pé-de-Bicho teria salvado o dia sem ter sua identidade de heroína revelada? Parecia uma boa história, mas não sobraria nada para as próximas páginas.

Os calos dos pés de Dora davam a ela um sentido extra. Estava sempre com o milho assado enquanto os outros ainda acendiam o fogo.

– Oxe, Mula velha besta! Achou mesmo que fosse se livrar com essa história de viagem para o Ceará? Se acaso bem me lembro, disse que ia voltar!

Foi procurar Rico de Mané Mororó, aquele que sabia mais da história do que ela e a Mula. Já havia pego certa implicância por ele.

*Eu sou menino-ancião
porta aberta pro mistério
magia de Salomão
matuto falando sério
um compulsivo do estudo
querendo saber de tudo
mas às vezes sem critério*

5

DORA PÉ-DE-BICHO DEVOLVE A CABEÇA DA MULA

BATEU NA PORTA DA CASA DE RICO. ERA PEQUENA, não tinha terreno para plantação, mas tinha a única geladeira da região. Ele vendia dindin para as crianças. Só ligava a geladeira por duas horas no dia, era o suficiente para gelar o dindin. Tinha de goiaba, côco e umbu. A variedade não era muita porque o período não era favorável nem para frutas, nem para água. Mesmo com todo o calor, o produto não derretia: as crianças já sabiam da rotina e devoravam muito antes disso.

Rico abriu a blusa da porta esperando gente grande. Quando viu Dora deu riu e perguntou:

– O que quer, criança do pé-de-bicho? O que vai me inventar agora?

Dora franziu a testa. Havia falado com Rico poucas vezes na vida toda, mas também não teve muito tempo de vida. Ficou com a impressão de já ter tratado com ele outras vezes, embora não se lembrasse.

Não aceitou o suco que viria a ser dindin no dia seguinte. O cheiro que aquela casa exalava não podia ser de coisa boa. Dora tinha a fome de oito andarilhos, mas não aceitaria nada que pudesse fazer sua barriga doer depois. A catinga não era estranha à memória de Dora, lembrou a ela de uma vez que escondeu comida perto de sua rede para comer mais durante à noite, mas acabou por dormir. Pela manhã o odor era aquele. A lembrança deve vir daí.

Sentou no banco de madeira próximo à janela mal pintada de tinta verde bandeira. Rico parou na sua frente, de braços cruzados.

– Desembucha, criatura! Tenho a vida ganha não! – Disse o homem.

– Seu Rico, não se empombe por favor. Escutei uma história que me provocou terror. Era sobre a luz es-

tranha que na mata apareceu. Ouvi que teve galope e grito, o que foi que aconteceu? Me conte, sinhô Rico, não lhe passo uma saliva. Gosto é muito da mata, gosto muito da vida— disse a menina com delicadeza. Quando queria, era Dora Pé-de-pano.

Rico soltou mais uma gargalhada. Esta última fez um calo bem no meio do pé de Dora arder. Tinha que aprender a controlar isso, deixar reservado para o perigo, pensava. Escondeu um pé por detrás do outro e encompridou os olhos para amolecer o parente distante. O Mororó mais novo bradou:

– Oxente, menina enxerida! Está pensando que ganha com essa venta comprida? O que eu sei tu também sabes, o que ouvi você gritou! Sem sandália como anda, o chão da mata carimbou. Apois daqui arrede pé, criança. Ou quer que o senhor seu pai saiba da tua andança?

Dora levantou num só pulo. Sentiu os músculos pulsando, os calos ardendo, os olhos tomando a cor vermelho sangue. Nas ventas, ar quente corria, como se fosse uma Maria Fumaça. Como era possível que ele tivesse a visto? Estava lá por um bom motivo! Acabou com o dismantelo do povo com a Mula Sem Cabeça, merecia algo bom por isso!

A Mula! Se Rico viu Dora, deve ter visto a Mula também.

– Pois deixe de pantin! Se os teus olhos foram bons para me ver numa briga, também devem ter conseguido enxergar minha inimiga! – Disse Dora.

– Pé-de-bicho velha besta! – Bateu os pés ao chão e fez um barulho meio destrambelhado com a boca e seu olhar debochado fez a menina dar alguns passos para trás - Reconhece esse galope? Estava era lhe passando para trás, enganando esse povo que para agradar nada faz! Vivo sozinho nesta casa vendendo o meu dindin. Entra povo e sai povo, ninguém quer saber de mim. Nunca escutaram um “oi” que saiu da minha boca. Desde menino parece que sou boneco de estopa. Vez por outra até tento uma moça cortejar, mas parece que ninguém quer comigo se casar! Pois depois de tudo isso, decidi foi me vingar. Queimei mata, assustei gente e eu vou continuar!

– Vai precisar de mais para me impressionar, Seu Rico! Pensou que ficaria com medo de suas presepadas? É tão criança quanto eu, do mundo não entende nada. Correste com medo que revelasse a tua peça? Pois agora a diferença é que encontrei foi uma mula por inteiro, uma mula com cabeça! – Falou a menina rindo.

Rico partiu enfurecido para cima de Dora que se defendeu com o banco de madeira. O banco estava já todo envolvido na luz que os calos de Dora emana-

vam. O homem tentava, sem sucesso, pegá-lo para alcançar a garota. Queimou todos os dedos das duas mãos.

Dora lançou o banco em sua direção e gritou que contaria para toda a cidade que Rico de Mané Mororó era a Mula-com-cabeça fazendo da mata um perigo e das crianças do sertão prisioneiras em sua própria terra. O homem, atingido no ombro pelo banco, se enraivou ainda mais, pegou, cambaleando, o suco que iria virar dindin e começou a lançar na direção da Pé-de-bicho, na tentativa de apagar o clarão belo e assustador que ela já havia se tornado.

Dora, firme como uma árvore com suas raízes fincadas ao chão, devolveu o líquido aos chutes, no ar virava flechas iluminadas. Fez tudo voltar com a velocidade de cometas no peito do homem, que caiu sentado no chão de terra batida.

Juntou as mãos em frente ao peito como que em saudação e lentamente afastou as palmas incandescentes. Entre elas surgiu rapidamente uma corda cor de ouro de verdade (coisa que Dora nunca tinha sequer conhecido), grande o suficiente para laçar Rico de Mané Mororó e acabar com a confusão. Justa, daria seu recado e soltaria o homem para que desaparecesse dali antes mesmo que Dora pudesse desatar o nó que o prendia.

O rosto de Rico era o mesmo da Mula antes de fugir. Seus olhos esbugalhados entregavam todo o medo do mundo que os adultos têm. A menina entendeu a impressão de ter visto um semblante acovardado na monstrenha. Tinha enxergado direito e agora via mais claro ainda.

Parou na frente dele com as mãos na cintura e o peito estufado, como toda boa heroína faria. Sentiu o vento balançar seus cabelos e a capa que pousava sobre seus ombros. (Não tinha vento, nem capa, mas Dora gostava de imaginar que tinha).

– Isso é para que o senhor não se meta mais com a mata. Respeite os bichos e as crianças! Se quiser colocar fogo, que seja nos seus próprios pés enquanto corre daqui para nunca mais voltar!

– Pé-de-bicho, você é obra do coisa-ruim!





*Mas não me entrego porque
sertanejo é mais que forte
é raio rasgando o céu
muito mais que o vento-norte
semente de luz plantada
todo desafio da estrada
de quem nunca teme a morte...*

6

DORA PÉ-DE-BICHO PARA DORA PÉ-DE-BICHO

O BARULHO DO BAFAPÁ FEZ UMA DEZENA DE CURIOSOS cercarem a casa de Rico de Mané Mororó. De ouvido a ouvido, em coisa de três minutos a história já tinha chegado do outro lado do Cariri.

Nos dias que seguiram, só se falava em como a filha desmilinguida de Louro e Tereza, aquela tal de Dora Pé-de-Bicho, tinha colocado o esquisito valentão para correr. Alguns diziam ter visto uma luz de outro mundo saindo por cada buraco da telha da casa verde

bandeira de Rico, só podia ser coisa de santo e não de menina. Outros diziam que de lá não saiu Dora, mas uma mulher beirando os quatro metros de altura que jogava tudo o que via pela frente na direção do homem, disputa muito da injusta, diziam eles.

Louro e Tereza se chocaram com a última de Dora que, por isso, passava pelo menos duas horas do dia ajoelhada no milho. “Não diz que veio dele? Pois ao milho voltará!”, dizia Louro.

Toda a falação, dos pais e da cidade, fazia com que a voz de Dora fosse tão percebida quanto a voz de Fortaleza, a vaca. Aos ouvidos daqueles que se negam a escutar, a verdade é como um mugido qualquer.

– Meu povo, eu não sou gente de brigar sem ter porquê. Quando entro numa embrulhada é para me defender. Dessa vez era a mata que eu queria proteger!

– Dizia Dora sem saber o que fazer.

– Ô menina abusada, vê se pode esta marmota! Agora Rico é sem casa e tu contando lorotas? O que o homem fez para merecer isso? Menina enxeudenta, ainda não de te dar sumiço! – Respondia Louro com os olhos vermelhos como labaredas de fogo.

Pé-de-bicho sentia o cala-boca que fez Rico se enfezar. Sentia que o sertão não via sua capa de herói

e seus cabelos ao vento depois da luta que livrou a mata do mal que Rico causava e libertou as crianças presas dentro de casa por causa do monstro que, na verdade, era um cabra raivoso e carente de atenção, mas que mereceu a luta por não ter mais compaixão.

Seus pés brilhavam quase que de hora em hora porque o perigo era muito. Todos conheciam Dora e todos preferiam ficar longe dela. É muito triste quando os heróis são confundidos com vilões.

Só pareciam enxergar Pé-de-Bicho quando as ovelhas precisavam de alguém que as pastoreasse, quando o roçado já estava por morrer, ou quando alguém queria algo impossível para gente frouxa. Dora ia ali, resolvia aqui, plantava lá, cuidava de cá e escutava de seu pai.



– Vai, Pé-de-Bicho, que o mundo espera não! Tudo isso que você faz é só pura obrigação. Desagradou a Rico, a mim e ao sertão! Vai dizer que foi para o bem, pois quem decide não é você não! – dizia Louro.

Mas se Dora é a heroína e a Mula a vilã desta história, é porque alguma diferença há de existir (e existia mesmo!). Em um último golpe de esperança para o futuro naquela terra, Dora resolveu escrever uma para o mundo todo (que, na verdade, era para ela mesma). Guardou por muito, muito tempo no mesmo bornal em que guardou as pedras que derrotaram a Mula Sem Cabeça. Lia sempre que precisava lembrar que herói não se faz de capa e sim, de coração.



Querido Sinhô Mundo,

Vai ver seu ruim de verdade, como já souvi dizer. Onde já se viu menina betar homem para correr?

Cinda mais no Cariri onde tudo é engraçado, onde em vez de escola a gente só vê roçada, onde o prato de cuscutz se divide com o de lado, onde o sol que é tão bom pra'quele que sente frio, queima toda a plantação e faz nesse buche vazie.

Mesmo com tudo isso, o meu porre não desanima e continuam tudo com a língua para lá de fina, capaz de apoiar cabra trapaceiro e chamar de ruim a menina.

Aqui parece que sempre têm o que falar e para quem tem mágica nos pés nunca vai ser o lugar. O resto de toda

Terra só nos faz ignorar.

Timosa que sou, não posso deixar de lutar, contra aqueles que a mata e as crianças teimam em desatinar. Tenho os braços fortes e uma mágica das beas, que parece afastar o mal, mas também afasta pessoas. Sei que um dia vão entender, vão enxergar minha capa e me chamar de heroína (eu daquelas outras coisas que a gente chama gente que faz história), foi assim com Maria Bonita e Lampião, se não me falha a memória.

Prometo que continuarei a lutar pelo sertão. De de dia o Saci protege e de tarde o Curupira defende, de noite serei guardião da maturação e de toda gente. Aqui na minha terra, bicho ruim não se cria, não! De alguém me deu um poder, vou fazer com que ele

preste. É um sonho profundo, lute com
o sol e a lua até salvar o Nordeste e
quem sabe até o sinhô, Seu Mundo!

É bom ir se preparando porque vim
para ficar. Vim mostrar que fracote
não sou não, carregue comigo a força
dos meninos do sertão. Se meus ca-
llos, por acaso, cismam de brilhar e
meus braços ficam fortes podendo um
jumento carregar, posso até ganhar
uma capa e levar nome de valente,
mas, para o seu governo, aqui no Ca-
riri, herói é tudo que é gente.

Cassimado,

Dora Pé-de-Bicho

Barriguda de Baixo, Paraíba,
1977

*Todo Sol de primavera
com seus raios de esperança
colorindo a nostalgia
esturricando a lembrança
incendiando o amanhã
das aves de 'arribaça'*
e do meu sonhar-criança



O FIM DE DORA PÉ-DE- BICHO

VEZ POR OUTRA OS SERTANEJOS VIAM RAIO, LUZ DE santo ou meteoro caindo no chão seco que a chuva só molhou no último mês de março. As galinhas da vizinhança já não eram mais comidas pelas raposas que também, de algum jeito, não passavam fome.

O Bicho Papão deixou de atordoar as crianças que molhavam menos a rede à noite. A clareira aberta pelo fogo das ventas da falsa-Mula já tinha ficado branca por causa das flores dos Mandacarus que ali

nasceram. Os passarinhos cantavam mais alto e os preás andavam sem medo entre as novas vegetações.

Ninguém sabia explicar estes pequenos milagres. Talvez a novena que Tereza fazia aos domingos finalmente começava a dar efeito. “Tempo de vacas gordas”, pensava. Tonho Simão, o índio-caboclo-brabo, que tinha engordado uns bons quilos de tanto comer cuscuz de milho e já não usava mais seu cinto de couro.

Toda noite, Dora Pé-de-Bicho protegia o sertão no mais sábio silêncio.

A menina continuava a mesma presepeira na boca do povo. Contavam por lá que, certa vez, disse ter escutado um grito de socorro e foi ver o que era. Sete quilômetros depois, desenterrou um defunto-vivo enterrado por engano. Só de bater aqueles pés de pisca-pisca do lado da cruz que dava ao cabra a atestado de morto, o homem saiu dançando forró de camisola branca e flor na mão, agradecendo aos céus por ter saído do chão.

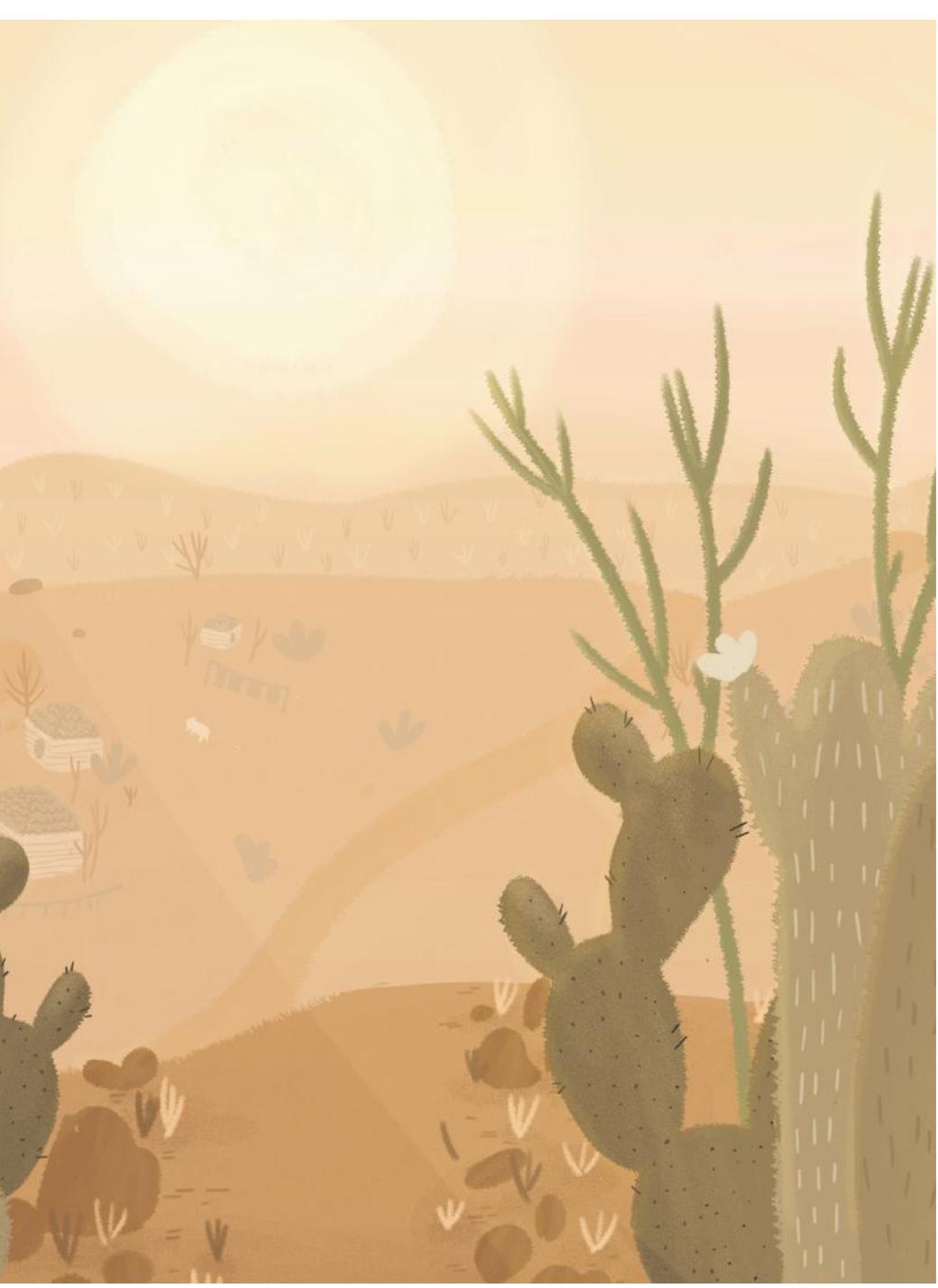
Outra vez juraram ver – e o sertanejo tem palavra – a menina carregando um de seus amigos, Puro-Sangue, o jumento, e sua carga nas costas. Fazia assim quando os animais cansavam. Por onde passa-

va chocava alguém: as bocas torciam em julgamento e as cabeças balançavam questionando a força de Dora. Alguns pensaram até que era um jumento com pernas de menina!

Dora Pé-de-Bicho não escutava os burburinhos do povo. Andava com Fortaleza, sua velha amiga vaca, em busca de aventuras e justiça para aquele lugar sofrido que merecia os cuidados dela, do Saci-Pererê, do Curupira e de todas as criaturas mágicas de bem. Saía de fininho de casa todas as noites para se certificar que estava tudo em ordem e, se não estivesse, tratava de corrigir.

Tinha certeza que um dia seria lembrada pelos seus, como tremenda heroína. Por agora, todavia, apreciava a bonita ordem do mistério por trás da harmonia de Barriguda de Baixo.

Sonhava com o dia em que pegaria seu rumo e se aventuraria mundo à fora, mas, por enquanto, faltasse a luz no sertão, podiam encontrá-la nos pés de Dora.





GLOSSÁRIO

Aroeira – É um tipo de árvore bastante comum à vegetação brasileira. Suas folhas, tronco e seiva são bastante usadas na medicina popular.

Baleadeira – Feita com madeira e borracha para arremessar pedras, também é conhecida como estilingue.

Batoré – Homem baixo e feio.

Bixiga – Popularmente, a doença infecciosa Varíola, era conhecida como Bexiga/bixiga.

Bornal – É uma bolsa de pano ou couro de alça comprida, utilizada para guardar todo o tipo de pertences. Os cangaceiros geralmente, carregavam esse tipo de bolsa.

Bucho – Barriga.

Caboclo(a) – É o nome dado a pessoas geradas da miscigenação de índios com brancos. Também pode ser um nome para se referir a um homem sertanejo simples e rústico.

Cabra – Pode ser o animal que todo mundo conhece, mas, nesse livro, cabra foi usado para designar figuras masculinas. Cabra, então, é sinônimo para homem.

Cabrunco – Assim como “coisa-ruim”, é um dos muitos sinônimos para Diabo.

Carcará – Ave de rapina da família dos falconídeos. Pode chegar a ter mais de um metro de envergadura. Pode ser encontrada no campo ou em centros urbanos. É traiçoeira e oportunista, alimentando-se de mamíferos pequenos acidentados, rouba ninhos de aves de todos os tamanhos e fica sempre à espreita.

Cariri – É dividido em Cariri Oriental e Cariri Ocidental. O ocidental diz respeito a municípios cearenses, já o oriental engloba diversas cidades da Paraíba, onde nossa história acontece. O Cariri paraibano está localizado no sul do estado e é formado por 29 cidades, abrigoando cerca de 160 mil pessoas. O clima da região é semi-árido.

Catingueira – É uma planta da região Nordeste que recebeu esse nome por ter um cheiro desagradável em algumas épocas do ano. Catinga é um sinônimo para fedor, explicando o nome de Catingueira da planta.

Descangotada – Degolada, com o pescoço partido.

Desembuchar – Como se colocasse tudo para fora do bucho, desembuchar é falar tudo o que estava guardado. Desabafar é um sinônimo.

Desmantelo – É a falta da ordem, da harmonia por algo que veio à baixo causando agonia.

Desmilinguida – Feminino de desmilinguido, significa pessoa fraca ou desalinhada.

Dindin – Tem muitos nomes por todo o Brasil: geladinho, sacolé e chup-chup são bons exemplos. É semelhante ao picolé, preparado com suco dos mais diversos sabores e congelados dentro de sacos pequenos.

Embrulhada – É uma grande trapalhada ou confusão.

Encafifar – Significa preocupar-se com alguma coisa, ficar pensando em algo por muito tempo.

Enxeridenta – Essa palavra parece não existir fora

desse livro ou da boca de Dora, mas aqui existe. É usada para descrever uma pessoa abusada, intrometida ou cheia de si.

Lorota – Significa mentira.

Mandacaru – Mandacaru é um tipo de cacto da caatinga. Nasce e cresce sem precisar de muitos cuidados. Captam água do solo, por isso resistem às longas secas. Podem chegar até seis metros de altura.

Manteiga de garrafa – Iguaria que acompanha muitos pratos na região Nordeste. É uma manteiga que se mantém líquida e é armazenada em garrafas de vidro.

Marmota – Artimanha ou palhaçada.

Mistura – É o acompanhamento da comida. Carnes e farinha, por exemplo, são mistura.

Mutamba – É uma planta da flora brasileira. O óleo da sua seiva é muito utilizado para embelezar os cabelos e, por vezes, até alisá-los.

Ôxe/Oxente – Expressão de surpresa ou espanto.

Padre Cícero/Padim Ciço – Padre Cícero Romão foi um conhecido sacerdote cearense, famoso por seus milagres e suas controversas. Cícero é considerado santo e tem muitos fiéis pelo Nordeste e por todo o país.

Pantim – Muito escutada pelas crianças na frase “deixe de pantim”, essa palavra significa chique, frescura ou malcriação.

Pendenga – Sinônimo de problema, desacordo ou conflitos.

Preá-do-mato – Roedor pequeno aparentado com porquinho da índia. Os preás são marrons acinzentados e têm hábito noturno. Na caatinga, é comum caçarem esses animais para comer.

Presepada – É uma espécie de confusão ou trapalhada. Uma cena inconveniente, mas até engraçada.

Quengo – Quengo é uma parte do coco. Nesse caso, é outro nome para o coco que carregamos em cima do pescoço: a cabeça.

Rapadura – É um doce feito do caldo concentrado da cana-de-açúcar. Geralmente, são como pequenos tijolos muito doces.

Tinhosa – É uma pessoa teimosa, determinada e valente, feito Dora.

Umbu – Fruta do umbuzeiro. Geralmente pequenas, arredondadas, aromáticas, deliciosas e bastante consumidas pelos nordestinos. (É a favorita da autora).

Ventas – Narinas.

Xiquexique – Cheio de espinhos, assim como o mandacaru, é da família dos cactos. Pode se apresentar em arbustos ou não. Produz flores brancas e frutos vermelhos comestíveis.

AGRADECIMENTOS

Este livro nasceu de Dora, pois eu também sou fruta de seu pé. Sou filha e mãe de Dora, mas jamais enfrentarei a brabeza da Pé-de-Bicho da realidade: assim como Luiz tinha de respeitar Januário, Thais respeita Dora. Dito isso, meu primeiro “obrigada” vai para minha mãe, Maria das Dores que virou Dorinha que virou Dora, inspiração por trás da personagem que move esta história e também colaboradora na construção deste livro.

Para mais que uma homenagem a todas as memórias fantasiosas e doloridas de minha mãe, heroína de tantas maneiras, este livro é uma tentativa de gri-

tar ao mundo todo que as crianças nordestinas são heroínas e protagonistas de suas próprias histórias.

Também é um resgate sutil da nossa cultura popular. Tirei a Mula Sem Cabeça, o Saci-Pererê e o Curupira do conforto da aposentadoria forçada para trabalharem ao meu lado para contar os causos de Dora. Foram ótimos parceiros, aos quais só tenho a agradecer.

Agradeço também aos meus queridos amigos que tanto me apoiaram e tanto ajudaram na seleção das palavras que compõem o meu “eu”. Sou muito feliz por ter tido, no meu caminho, gente tão empolgada com esse projeto quanto eu, gente prontinha para ajudar no que fosse preciso e para encher a minha bola de vez em quando. Encher a bola dos amigos é essencial. Deve existir alguma frase muito brega sobre sonhar junto com a gente amada, assim que encontrar, publicarei em algum lugar (o mundo pede por algumas breguices sentimentais).

Saúdo meus professores da Escola de Comunicação da UFRJ que, sem muita opção, embarcaram nessa comigo: Diego Paleologo e Andreia Resende, Dora surgiu aqui dentro e vocês foram os responsáveis por alimentá-la cá fora, cada um à sua maneira.

Aproveito para deixar aqui o meu mais carinhoso agradecimento ao Ziraldo, quem colocou o sonho besta de ser escritora (bem, de ser ele) dentro da minha cuca. Por algum tempo neguei, desviei do caminho e assumi que outro como ele não nasceria tão cedo, eu que não ousaria me equiparar. Nem irei. Decidi ser a escritora e ilustradora Thais, mas muito do que é meu veio dele. Obrigada, mestre!

Por último, agradeço aos meus gatos, ao fantasma de Gabriel Garcia Márquez, a João Grilo e Chicó, ao chapéu de Lampião, ao queijo de manteiga, a meu namorado e fiel escudeiro, Iuri, e à Tita que, provavelmente, vai me colocar em uma das suas mil prateleiras.

Com amor e valentia (sempre),

Thais

Esta obra foi composta em Georgia,
em corpo 12/16, impressa em papel
Pólen 90 g/m² para a Editora
Lulalivros em julho de 2019.
